

O QUE FOI O 1.º CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO DO RECIFE

GILBERTO FREYRE

O 1.º Congresso Afro-Brasileiro do Recife foi o menos solenne dos congressos. Nelle não brilhou um colarinho duro. Não appareceu um fraque. Não trevejou um tribuno. Não houve um só discurso em voz tremida. Foi tudo simples e em voz de conversa.

Entretanto, quando se encerrou o Congresso, no mesmo velho theatro — o Santa Izabel — do qual disse Joaquim Nabuco — “aquí vencemos a batalha da abolição” — sentiu-se que se definira um movimento da maior importância para a vida e para a cultura do Brasil.

A technica do Congresso foi inteiramente nova. Não só nenhuma pompa como quasi nenhuma burocracia. Sentaram-se em volta da velha mesa, na cabeceira da qual se succederam os presidentes, conforme o assumpto do dia, não só doutores, com grande erudição de gabinete e de laboratorio, como ialorixás gordas, cozinheiras velhas, pretas de fogareiro, que trouxeram do fundo de cozinhas de mucambos receitas de quitutes afro-brasileiros quasi ignorados; negros de engenho como o Jovino, cujo trabalho cheio de erros de portuguez e de saudades do tempo das almanjarras sahiu no primeiro volume de *Estudos*; babalorixás como Pae Anselmo; rainhas de maracatú como Albertina de Fleury, cujo nome pareceu a José Lins do Rego, de heroina de romance de Proust; outros analphabetos e semi-analphabetos intelligentes, com um conhecimento directo de assumptos afro-brasileiros, de que muito se aproveitou o Congresso; estudantes de direito, de engenharia e de medicina, um delles Jarbas Pernambucano,

justando formar  
1º congresso Afro  
Recife 1934

que apresentou curiosa reportagem sobre os maconheiros do Recife — os adolescentes pobres e as mulheres da vida que fumam maconha para sonhar com moças bonitas e palacios encantados; velhos folk-loristas como Rodrigues de Carvalho, que não faltou a uma sessão, animando a todas com a sua velhice satisfeita de patriarcha nortista, e cuja morte, agora, no Recife, vem trazer uma nota de grande tristeza para estas paginas; intimos conhecedores da technica da macumba como Nobrega da Cunha; psiquiatras do valor e do relevo de Ulysses Pernambucano — aclamado, com toda a justiça, presidente de honra; artistas como Luis Jardim e Cicero Dias; intellectuaes, jornalistas, representantes de jornaes do Rio; o professor Ernani Braga, que recolheu para o Congresso um grupo de toadas de xangô que as meninas do Conservatorio cantaram no dia do encerramento, debaixo das palmas de entusiasmo da melhor gente do Recife. Gente que afinal se voltara para o assumpto e descobrira nessas “coisas de negro” mais do que simples pittoresco: uma riqueza nova de emoção, de sensibilidade, até mesmo de espiritualidade; uma parte grande e viva da verdadeira cultura brasileira; a arte dos Villa-Lobos e dos Cicero Dias nas suas raizes mais profundas.

O Congresso do Recife foi, ainda, o mais independente dos congressos. Não recebeu nenhum favor do governo. Não se associou a nenhum movimento politico, a nenhuma doutrina religiosa, a nenhum partido. Não se deixou prender por nenhum sentimentalismo genero “Mãe Preta”, por nenhuma demagogia typo José Mariano. Qualquer insinuação contra a pureza intellectual das suas intenções, contra o profundo sentido brasileiro das suas tendencias, pecca por leviana. Ou então revela um excesso de faro policial, talvez desenvolvido em detrimento de qualidades intellectuaes mais nobres.

Gilberto Freyre e outros, Novos Estudos Afro-brasileiros  
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939

JUNTANDO FOR CUM

1º congresso Afro Brasileiro - 1934

du

Realizou-se o Congresso com contribuições de dez, vinte, cinquenta mil réis, de varios recifenses, homens das mais differentes profissões e das mais diversas tendencias — medicos como Arsenio Tavares e Mario Ramos, advogados como Odilon Nestor e Arlindo Figueiredo, professores como Sylvio Rabello, commerciantes como Mr. Henry Shorto e Adolfo Cardoso Ayres.

Arrecadou-se uma quantia rala — \$76.000, — mas que deu para as despesas de correspondencia, a cargo do estudante de direito José Valadares, secretario geral do Congresso, auxilio aos babalorixás, ceia no Jardim da Escola Domestica, compra de objectos de arte afro-brasileira — bichos de barro e de pau, cachimbos, figas, estandartes e bonecas de maracatú, para a exposição que se realizou no Theatro Santa Izabel, sob a direcção de Cicero Dias, ajudado por Clarival Valadares, pela rainha de maracatú Albertina de Fleury e por Jarbas Pernambucano.

Para essa exposição mandaram trabalhos — desenhos de negros, pinturas de mulatas, estudos de bahianas — alguns dos maiores pintores brasileiros: Lasar Segall, Portinari, Noemia, Di Cavalcanti, Santa Rosa, sem falar nos mestres de casa, o admiravel grupo do Recife: Cicero Dias, Luis Jardim, Manoel Bandeira. Infelizmente, extraviaram-se os desenhos de turbantes e chales de mulatas e negras brasileiras que Cicero Dias traçara a nosso pedido e que deviam apparecer neste volume.

Ainda o Congresso do Recife offereceu ás pessoas de fóra — intellectuaes e jornalistas de outros Estados — uma ceia de quitutes afro-brasileiros. Inhamé com mel de engenho, principalmente, pois o dinheiro não dava para pratos caros. A ceia foi debaixo de umas velhas mangueiras, no jardim da Escola Domestica, em Fernandes Vieira, cedido ao Congresso pela sua gentil directora, Dona Carolita. O chão estava macio de folhas de ca-

nella como nas boas festas populares do Norte. As moças da Escola, vestidas de bahianas. Havia tambem palmas de coqueiros enfeitando o kiosque do jardim, onde durante a ceia se venderam gravatas e lenços, como lembrança da festa. Uma negra velha, com seu fogareiro, seu vestido de bahiana, seu chale encarnado, assou milho e fez tapioca de côco. No fim da ceia, cantou-se modinha, das taes em que o inglez Beckford encontrou uma ternura tão grande — a ternura afro-brasileira.

O Congresso do Recife, com toda a sua simplicidade, deu novo feitiço e novo sabor aos estudos afro-brasileiros, libertando-os do exclusivismo academico ou scientificista das "escolas" rígidas, por um lado, e por outro, da leviandade e da ligeireza dos que cultivam o assumpto por simples gosto do pittoresco, por litteratice, por politiquice, por esthetismo, sem nenhuma disciplina intellectual ou scientifica, sem um sentido social mais profundo dos factos. A collaboração de analphabetos, de cozinheiras, de paes de terreiro, ao lado da dos doutores, como que deu uma força nova aos estudos, a frescura e a vivacidade dos contactos directos com a realidade bruta.

A prova de que o Congresso do Recife attraheu, ao mesmo tempo que a boa vontade da gente mais simples, o interesse da mais douta, a sympathia dos maiores especialistas em assumptos negros, ou de anthropologia em geral, e afro-brasileiros, em particular, está na attenção que lhe dedicaram Franz Boas, Nancy Cunard, Roquette Pinto, Odum, Froes da Fonseca, Nuno Simões, Osorio de Oliveira, Rüdiger Bilden, Azevedo Amaral e, fóra da especialidade, o professor Cannon, o grande mestre de physiologia da Universidade de Harvard; na importancia que lhe deram jornaes europeus e americanos, entre outros *The New York Times*; na collaboração que lhe enviaram mestres como Rodolfo Garcia, Mario de Andrade,

Arthur Ramos, Antonio Austregesilo, Bastos de Avila, Cunha Lopes, para não falar no sabio africanista, professor Melville J. Herskovits e no grande anthropologista brasileiro Roquette Pinto.

Graças a essa sympathia e a essa collaboração é que foi possível reunir, primeiro no volume prefaciado pelo professor Roquette Pinto e editado por Ariel, e agora neste, prefaciado por Arthur Ramos — hoje, a maior autoridade brasileira em assumptos negros — um grupo de trabalhos interessantissimos, que trazem esclarecimentos e pontos de vista novos sobre a situação do preto e do mulato no Brasil, sua anthropologia, sua importancia em nossa formação social e em nossa cultura.

Alguns dos trabalhos apresentados ao Congresso do Recife foram publicados á parte: o de Adherbal Jurema, *Insurreições Negras no Brasil*, o do Professor Octavio de Freitas, *Doenças Africanas no Brasil*.

Neste volume de *Novos Estudos Afro-Brasileiros* cumpre-se uma das resoluções votadas pelo 1.º Congresso Afro-Brasileiro: a de publicar nos seus annaes o retrato de Nina Rodrigues. Homenagem ao professor da Faculdade de Medicina da Bahia que deu tão grande impulso aos estudos afro-brasileiros, impondo-se ao respeito dos africanologistas de toda a parte.

★ Este livro foi composto e impresso na Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes" á rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo, para a Civilização Brasileira S/A. — Editora, Rio de Janeiro em Fevereiro de 1937.